

### **Apresentação do número 11**

Prezados (as) colaboradores (as) e leitores (as) da Revista Discente Oficinas de Clio, é com imensa felicidade e apreço que a equipe editorial anuncia a publicação de seu décimo primeiro número, seguindo nosso compromisso com a divulgação científica de qualidade e sustentada em avaliações sérias e confiáveis. O número onze fecha o ano de 2021 para a Revista, mantendo nossa periodicidade, o que nos alegra pelo dever cumprido em mais um ano de lutas pela educação e ciência. Nesta edição, figuram cinco artigos do Dossiê Temático *Corporeidades em Luta: Feminismos e corpos de resistência ao sul global*, proposto pelas doutorandas em história Eduarda Borges da Silva, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Marluce Dias Fagundes, do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS), as quais realizam a apresentação dos artigos referentes ao Dossiê. Além do dossiê, ainda seguem seis trabalhos na seção de artigos livres, um na área de educação e uma resenha.

Iniciamos nossa apresentação com o artigo voltado à divulgação de experiências na área da educação. No artigo *Ensino de História feminista: a história das mulheres do período da ditadura civil-militar em sala de aula*, a autora Layana Sales de Oliveira, licenciada em história pela Pontifícia Universitária Católica (PUC) de Campinas, comenta sobre algumas das lacunas referentes à presença das mulheres nas narrativas históricas levadas para sala de aula. Além disso, também apresenta diferentes formas didáticas de inserir a história social das mulheres nas práticas docentes, especialmente em relação ao contexto ditatorial brasileiro em 1964, buscando apontar a necessidade da presença desses debates para a formação educacional desde o ensino básico. Tal mudança é, portanto, proposta pela autora por meio de novos olhares sobre as fontes, tanto produzidas pelas mulheres, quanto sobre elas.

Em sequência, ao chegarmos à seção de artigos livres, o manuscrito intitulado *Significados do conceito de liberdade para o advogado abolicionista Luiz Gama* é o que toma a dianteira. Caracterizado como um movimento social, o abolicionismo no Brasil contou com a participação de homens e mulheres, muito diferentes entre si, que contribuíram de formas diversas para o fim da escravidão. Dentre os atores sociais, destaca-se Luiz Gama, personagem deste artigo. A autora Maria Eduarda Câmara, graduanda de licenciatura em história pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), se apoia na produção bibliográfica existente para discutir sua atuação no movimento e a construção do conceito liberdade para a população negra no século XIX, cujos significados eram plurais. A análise de sua trajetória demonstra que Luiz

Gama buscou, em um primeiro momento, alcançar sua própria liberdade e, depois disso, esforçou-se para que ela fosse possível para uma coletividade.

Já no artigo intitulado *Memórias de uma prisão: o Presídio Tiradentes entre a tênue linha do lembrar e do esquecer*, de autoria do graduando em história pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Cayo Renan Alves Mateus, apresentam-se reflexões sobre lugares de memórias traumáticas e suas preservações. O autor possui, portanto, como objeto de análise o Presídio Tiradentes e busca demonstrar como o processo de tombamento do mesmo foi representado pela imprensa na década de 1970 e 1980. Dessa forma, ao analisar matérias veiculadas nos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, tece reflexões sobre os conceitos de patrimônio, memória e história associados a esse lugar de memória, destacando-o igualmente enquanto sinônimo de resistência.

O trabalho intitulado *Do lugar ao não lugar: a não percepção do espaço e a crise de identidade na modernidade*, desenvolvido pelo mestrando em arquitetura e urbanismo da Universidade de Brasília (UnB), Celso Fernando Barroso Lima, é abordado a repercussão das transformações espaciais por meio da modernidade, assinalando as diferenças entre as relações do espaço e as sociedades tradicionais e não tradicionais. Estuda a origem dos não lugares e seus impactos na identidade do sujeito, na qual é efeito da relação entre indivíduo e o seu meio, abordando a perda de sentido referencial espacial, no qual ocasiona a ausência de um espaço identitário fixo, o local de existência e sentimento de pertencimento territorial. É por intermédio do entendimento de modernidade como a junção de transformações no tempo e espaço, em que se pode desenhar as mudanças do meio.

Trazendo discussões acerca da obra hegeliana *A razão na História*, a acadêmica de licenciatura em história pela Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), Silvane Ribeiro Gonçalves propõe, em seu artigo *A construção de uma história Universal: da dialética hegeliana ao materialismo dialético de Marx*, um breve estudo sobre a validade das teorias de construção da história. Contrapondo a razão na história e a filosofia da história, Gonçalves traz reflexões a respeito de como as concepções de história variam entre épocas e sociedades. E, em suma, com a finalidade de entender como uma análise se sobrepõe a outra, a autora aponta observações da construção da história ao longo dos anos.

A partir da análise de um auto criminal, o graduando em história da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Douglas Reisdorfer, aborda a escravidão marítima na Cidade de Rio Grande. O artigo *As fraturas da Hidra: escravidão marítima através de um auto criminal (Rio Grande, 1873)* tem como foco dois aspectos: a capacidade da escravidão marítima de

produzir cesuras na solidariedade de classe dos marinheiros e os castigos sobre marujos escravizados da marinha mercante. No texto, também observamos a resistência daqueles sujeitos às situações de dominação e violência.

No trabalho *“Urge uma reação contra a esquerda”*: a intervenção da imprensa na reorganização do movimento sindical no Rio de Janeiro (1950-1954), o autor Artur Silva Lins, mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF), analisa a influência da imprensa empresarial sobre o movimento sindical da cidade do Rio de Janeiro entre 1950 e 1954. Pensando na imprensa como uma força social que opera sobre os indivíduos – especificamente os trabalhadores -, o autor insere seu trabalho no campo da história social. As reflexões sobre imprensa, trabalhadores e sindicatos leva à conclusão de que a imprensa empresarial teve que se inserir em um meio dominado por grupos de esquerda. Para isso, ela se valeu da manipulação de informação para conseguir essa penetração. No entanto, as conclusões apontam para uma limitação da intervenção da imprensa empresarial nas atitudes e decisões de trabalhadores a respeito das lideranças sindicais.

Para finalizar nosso número 11, O autor Willian Marcio Barbosa Vieira, graduando em Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), fez a resenha da obra *As abolições da escravatura no Brasil e no mundo*, escrito por Marcel Dorigny, do Departamento de História da Universidade Paris-VIII na França, em seu trabalho intitulado *Resistências: o embrião e o clímax do fim da escravidão no Brasil e no mundo*. O livro, dividido em sete capítulos, aponta diferentes fatores que influenciaram nas manifestações contrárias à escravidão, instituída por vários séculos no mundo. Nesse caso, além da influência dos ideais Iluministas ou de aspectos econômicos, tais como o desenvolvimento da indústria e a ampliação do mercado consumidor, o autor aponta os movimentos de resistências e revoltas dos escravizados, realizados ainda nos oceanos, como contribuintes para o processo abolicionista.

Desejamos a todos e todas uma excelente e proveitosa leitura!

*Equipe Editorial:*

*Márcia Janete Espig*

*Ariane R. Bueno Cunha*

*Bethânia L. Lessa Werner*

*Etiane Carvalho Nunes*

*Isabelle Brancão Chaves*

*Jéssica Camargo Trisch*

*Larissa Ceroni de Moraes*

*Luiz André G. Pagoto*

*Vitor Borges da Cunha*